

**DINHEIRO PRO ONIBUS**

Desde que as igrejas evangélicas tornaram sua presença avassaladora nas cidades brasileiras, nas suas mais diversas correntes, os velhos, tradicionais e grandes cinemas de rua, caídos em desgraça após o surgimento dos cinemas pasteurizados dos shoppings centers e do vídeo-cinema em casa, foram sendo gradativamente transformados em templos religiosos das pentecostais.

Onde antes o grande écran atraía as atenções mostrando lindas divas e artistas hollywoodianas como Rita Hayworth, Claudia Cardinale, Sofia Loren e Marylin Monroe, o púlpito para pregadores que berravam aos microfones passou a ser o foco principal, com suas noites de combate a satã, noite do dinheiro fácil, etc. Na velha Franca do Imperador, assim também aconteceu. Os cinemas tradicionais, como o São Luiz e o Odeon passaram a ser ocupados (de tempos em tempos, muda a sigla, mas o objetivo é o mesmo) por corporações religiosas midiáticas, onde as almas aflitas dos desesperançados vão buscar algum lenitivo, principalmente das classes populares. O fenômeno e o poder das diversas correntes evangélicas vêm se acentuando, já são mais de 22 % da população brasileira que professa a fé (Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caíram para 64,6%, para ver o tamanho da redução, católicos eram 91% em 1970). Pastores são eleitos vereadores há décadas para a Câmara de Franca e isso só aumenta seu poder político.

Mas não esqueço um episódio inusitado que vivi junto ao velho dono de uma banca de revistas e jornais que era o meu fornecedor desde a adolescência, sempre gostei de folhear as revistas e gibis antes de comprar, no tempo em que elas eram de papel. A banca ficava próxima ao cinema recém-convertido em templo pentecostal quando chegou uma senhora bem simples e foi conversar com o “banqueiro”. Conversou baixinho e lhe entregou algumas notas de dinheiro, mas não comprou nada. Logo ela saiu e dirigiu-se para o que havia sido o antigo cinema São Luiz, onde iria começar um dos cultos diários, o pastor já convocava os fiéis aos berros.

O homem da banca, sem graça, explicou-me o ocorrido. “Ela é minha amiga e vizinha, gente boa e trabalhadora, mora lá no Parque Leporace, é longe pra caramba e não aguenta voltar a pé. Então, ela me deixou o dinheiro pro ônibus, pois o dinheiro que ela tiver em mãos, o pastor toma quando ela entra em transe. Então, se não segurar algum dinheiro aqui, ela vai ter que voltar a pé pra casa”. Retrato de um Brasil em mudança que até hoje mal compreendemos.

Mauro Ferreira é arquiteto